

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA LUMINÁRIA POPULAR AÇORIANA

(PICO, S. JORGE, FAIAL E TERCEIRA)

por
RUI DE SOUSA MARTINS

0. PRÓLOGO

Há já muitos anos que me interesso pelas candeias portuguesas e fui-as coleccionando desde os tempos do liceu. Apesar da simplicidade das formas e da pobreza dos materiais de que é feita, a candeia testemunha a milenar domesticação do fogo e a sua luz bruxuleante foi companheira humilde e íntima da noite dos homens durante séculos.

Utensílio indispensável na casa rural portuguesa, a candeia extinguiu-se, desaparecendo quase sem ninguém dar por isso. Venceu a noite, mas não resistiu ao néon. Objecto «pobre», mas fascinante, conheceu coleccionadores-amantes e grandes nomes da etnografia se lhe dedicaram. A título de homenagem, vale a pena citar Walter Hough, Robins e os nossos Rocha Peixoto e Eduíno Borges Garcia.

A candeia foi um utensílio largamente difundido pela expansão portuguesa. Em 1972 conheci, no interior de Angola, um artesão negro que se dedicava à manufactura de candeias, aproveitando desperdícios de folha-de-flandres. A partir de 1978,

inicieu um estudo sobre as candeias de ferro da ilha do Pico e o problema da sua manufactura, trabalho que, com o tempo, se transformou numa pequena monografia sobre a iluminação tradicional do Pico e que se foi alargando a outras ilhas do Arquipélago. A partir de 1980, este trabalho foi incluído nos projectos de etnologia de urgência da Universidade dos Açores.

Num momento em que a consciência da Cultura Açoriana desperta e faz ouvir a sua voz, não quero guardar por mais tempo os primeiros resultados da minha vivência etnológica nas ilhas atlânticas.

Este pequeno estudo só foi possível graças à generosidade das pessoas que nos abriram portas e corações. São muitas e encontrá-las-eis ao longo das páginas, referidas nos locais onde vivem ou nas instituições em que trabalham. Nunca lhes poderei agradecer ou retribuir o que merecem, mas não as esquecerei. Devo sublinhar aqui com um abraço de amizade e reconhecimento, a colaboração do Carlos Guerreiro que fez a maior parte dos desenhos deste trabalho e que tem dado valiosa colaboração à então Secção de Antropologia Cultural do Departamento de História da Universidade dos Açores, hoje, Centro de Estudos Etnológicos Dr. Luís Ribeiro, integrado no mesmo departamento.

Guardo este derradeiro lugar para algumas menções cuja omissão seria injusta.

Devo à minha mulher, Maria Lucinda Soares, Picoense de raiz e companheira do meu peregrinar etnológico, o encontro-diálogo com o maravilhoso universo cultural das Ilhas.

Ao ilustre Jorgense Prof. Doutor Teodoro de Matos que ergueu o jovem Departamento de História da Universidade açoriana e que nunca regateou o seu dinâmico apoio ao desenvolvimento dos estudos etnológicos, a minha homenagem e a minha gratidão.

O Prof. Doutor Gustavo de Fraga, actual Presidente do Conselho Científico da Universidade dos Açores, tem demonstrado inúmeras vezes quanto lhe é cara a investigação da sociedade rural açoriana.

Ao Prof. Doutor José Enes dedico estas minhas primeiras linhas sobre a etnografia dos Açores. Foi nas suas mãos que a obra plena de juventude que é a Universidade dos Açores nasceu e lançou a sua luz sobre estas *pedras negras* que vivem sobre as águas.

Ilha das Sete Cidades, 31 de Agosto de 1983.

1. AS CANDEIAS DE AZEITE

As candeias usadas nas ilhas dos Açores eram feitas em chapa de ferro. Usavam normalmente como combustível *azeites de peixe*, mais raramente *azeite de cagarra* e primitivamente *azeite de loiro* que embebia uma mecha (*torcida*) de pano ou de linha. Podemos, conseqüentemente, classificar as antigas lâmpadas dos Açores no grupo das candeias de azeite em ferro, utensílios do equipamento doméstico que foram a principal fonte de iluminação artificial das habitações portuguesas rurais e urbanas.

A classificação operativa que adoptamos parecerá elementar e até controversa para o leitor mais familiarizado ou interessado nestas minudências etnográficas. No entanto, ela fornece automaticamente duas coordenadas fundamentais que permitem um primeiro posicionamento das velhas candeias açorianas no vasto e complexo universo da iluminação tradicional portuguesa. Vejamos como: Ficamos logo a saber que as lâmpadas dos Açores pertencem ao grupo das luminárias que consomem um combustível líquido, que o óleo iluminante não é de origem mineral e que se trata de um utensílio especializado saído das mãos dos ferreiros habilitados para o fazer.

Mas candeias de azeite ... de peixe, de cagarra, de loiro!?

Claro que quando falamos em candeias de azeite, não nos referimos apenas às lâmpadas alimentadas com azeite de oliveira. A expressão *azeite de luz*, na linguagem popular, abrangia

os diversos óleos de origem vegetal e animal usados na iluminação.

No continente português, os azeites de origem vegetal extraíam-se da azeitona, mas nos Açores eram obtidos da baga do loiro, da semente do linho e do rícino¹. Nos óleos de origem animal, salientaram-se os utilíssimos e famigerados *azeites de peixe*, denominação que se estendia ao óleo de diversos peixes e também ao dos cetáceos, tendo sido usados sobretudo nas povoações da orla marítima do continente e nas ilhas adjacentes. Nos Açores e na Madeira, recorreu-se igualmente ao *azeite de cagarra*. Podemos acrescentar ainda que, quando as necessidades obrigavam, as candeias de azeite queimavam igualmente outros combustíveis de origem animal: sebo derretido e gordura de porco (banha, manteiga ou unto, conforme a terminologia local).

Para queimar os *azeites de luz* utilizaram-se igualmente suportes variados. Aproveitaram-se recipientes naturais, nomeadamente conchas de moluscos terrestres ou marinhos, e recorreu-se sobretudo a utensílios especializados, saídos das mãos de diferentes artífices: oleiros, ferreiros, latoeiros e caldeiros. Deste modo, usaram-se tigelinhas de barro com bico estreitado ou mesmo sem ele². Divulgaram-se extraordinariamente as candeias dotadas de uma haste de suspensão com gancho e ponta, fabricadas em ferro e, posteriormente em folha-de-flandres, cobre ou latão.

Lamparinas e grisetas, assim como os conhecidos *candeeiros de pé*, em latão ou mais raramente em folha-de-flandres, também consumiam azeite como combustível³.

¹ Carreiro da Costa, «Azeites para iluminação», in *Insulana*, t. XXVI, Ponta Delgada, 1956, p. 216. Id., *Esboço histórico dos Açores*, Ponta Delgada, 1978, pp. 190, 191, 256.

² Rocha Peixoto, «Iluminação popular», in *Obras*, vol. I, Póvoa de Varzim, 1967, pp. 171, 172, 173.

³ Id., *ibid.*, p. 176.

Muito embora esta enumeração não seja exaustiva, permite-nos constatar que, na linguagem do povo, o termo candeia não se aplicou a todos os tipos de lâmpadas de azeite (vide: candeeiros, grisetas, lamparinas), e podemos acrescentar que o mesmo tipo morfológico de luminária conheceu denominações diversas conforme as regiões. Aliás, o termo candeia designou, no passado, um sistema de iluminação muito diferente. Durante os séculos XIV, XV e XVI a expressão apareceu em documentos coevos para designar as velas⁴.

No entanto, pelo menos nos séculos XVIII, XIX e nos princípios do nosso, o termo candeia fixou-se generalizadamente nas lâmpadas de azeite, em ferro, dotadas da característica suspensão com gancho e ponta, e nas de folha-de-flandres, cobre e latão que as imitaram e substituíram. As chamadas candeias de petróleo resultaram da transformação das lâmpadas de folha-de-flandres, adaptando-se ao consumo de petróleo que destronou o azeite no domínio dos combustíveis líquidos.

Em suma, podemos afirmar que o termo candeia sofreu um alargamento semântico. Começou por designar as velas e estendeu-se à grande variedade de lâmpadas que se alimentavam de óleos vegetais, animais e minerais. Consequentemente, é bastante difícil restringir o seu significado a um tipo morfológico de luz, muito embora as variadas lâmpadas metálicas, com gancho de suspensão, que consumiam azeite ou petróleo fossem, em determinada época, a forma mais divulgada do objecto que o povo designava por candeia.

O que era uma candeia de ferro e que tipos de candeias fabricavam os ferreiros especializados dos Açores é o que vamos tentar saber.

⁴ Sousa Viterbo, «As candeias na religião, nas tradições populares e na indústria», in *Revista Lusitana*, t. XVI, Lisboa, 1913, pp. 60 e segs. A. H. de Oliveira Marques, *A sociedade medieval portuguesa*, Lisboa, 1964, pp. 99, 100, 218, 219.

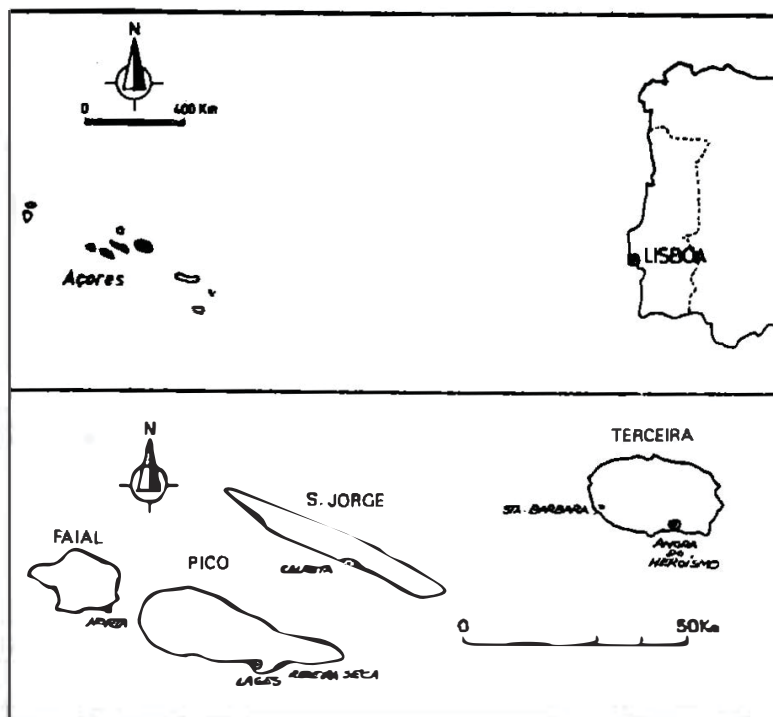
2. AS CANDEIAS DE FERRO

As candeias de ferro, de tipo mais vulgarizado em Portugal eram constituídas, modularmente, por um recipiente com bico estreitado que servia de depósito ao combustível e à mecha. Complementarmente o recipiente possuía na parte posterior um cabo ou braço ⁵, situado em geral no eixo do bico, ao qual se prendia o aparelho de suspensão. Este era constituído normalmente por duas ou três peças articuladas.

Os elementos desta estrutura conheceram variantes e desenvolvimento adequados no domínio morfológico-funcional (espelho, dois ou mais bicos) e estético-ornamental. A estrutura modular integrou igualmente outros elementos acessórios (tampa, espevitador, pinça). E duplicou-se, parcial ou totalmente, num aperfeiçoamento funcional-ornamental, definidor de um novo tipo, mas que não fez perder ao utensílio o seu carácter próprio.

Vejamos agora as características que assumiram as candeias de ferro usadas nos antigos e duros tempos das ilhas açorianas. Sempre que necessário, referiremos, comparativamente, exemplares do continente, do Brasil ou de outros países, o que nos possibilitará estabelecer áreas de difusão.

⁵ O braço e o depósito podem ser recortados e forjados numa só peça ou então em duas partes unidas posteriormente por cravação ou soldagem.



3. AS CANDEIAS DE FERRO DOS AÇORES

3.1. CANDEIAS COM UM DEPÓSITO E SISTEMA DE SUSPENSÃO MÓVEL

A - ILHA DO PICO

1) *Candeia da Ribeira Grande (Ribeiras, Lajes do Pico)*

A primeira candeia de ferro que observámos na freguesia das Ribeiras, em 1978, estava dependurada na oficina (*tenda*) do ferreiro Manuel Ferreira da Silva (Manuel *Marujo*), a única que hoje em dia existe no lugar da Ribeira Grande. Definitivamente apagada, serve de recordação ao velho artesão que muito forjou à luz fumarenta do *azeite de baleia*.

Esta candeia, segundo nos informou Manuel *Marujo*, veio da Ribeira Seca (Ribeiras), da desaparecida *tenda* do

ferreiro Manuel Pereira (*Pereira Rabiça*), juntamente com outros utensílios adquiridos pelo Manuel *Marujo*, por volta de 1938. E teria sido forjada, no mesmo lugar, por um outro ferreiro, Manuel José da Silveira (*Manuel Peixe Rei*) (1859-1913?) (Figs. 1 e 2).

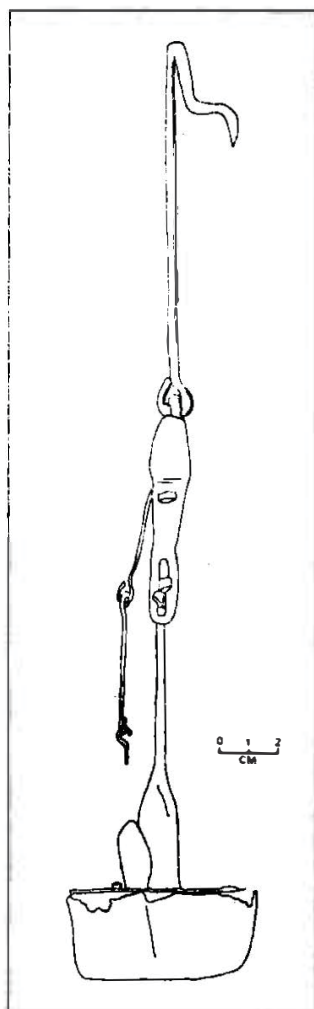


Fig. 1 — Candeia com um depósito (frente). Ribeira Grande (Pico).

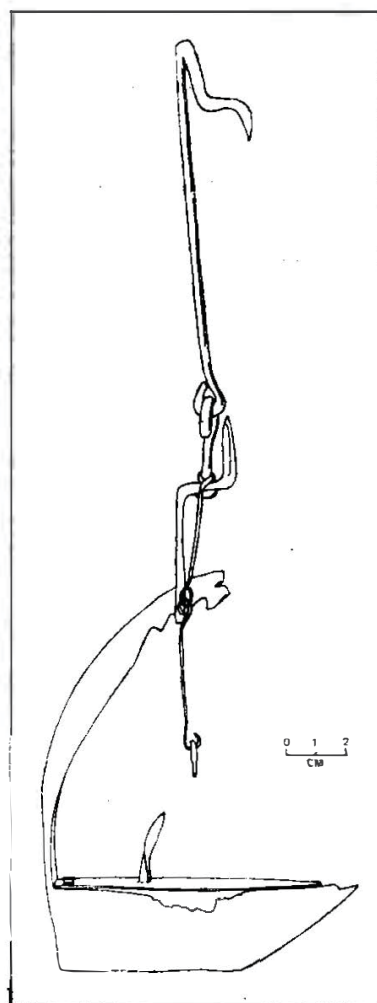


Fig. 2 — Candeia com um só depósito (perfil). Ribeira Grande (Pico).

Descrição morfológica

Candeia de ferro forjado com um só depósito fechado por uma tampa (Figs. 1, 2). Depósito constituído por um recipiente de plano ovóide, bordos baixos⁶, direitos e divergentes, fundo plano; bico estreitado e longo⁷. A ligação bico-bordos é curva. Na extremidade posterior, o recipiente tem um braço-cremalheira, curvado para a frente com raiz horizontal e alta, estreitando-se numa lâmina vertical, com três dentes na aresta inferior, junto da extremidade fendida em duas pontas rebitadas. Recipiente e braço formam uma só peça.

Tampa de perfil subcordiforme, cobrindo o recipiente e a quase totalidade do bico. Tem uma pega cravada, grosseiramente triangular e levemente recurvada para a frente. Articula-se ao depósito por meio de um pequeno gonzo, cravado junto ao lábio do bordo posterior direito, perto do braço, e gira, horizontalmente, para a direita.

O sistema de suspensão é constituído por três peças articuladas: suporte, tornel e haste com gancho.

O suporte é formado por uma pequena placa, estreita, e dobrada, alternadamente, em três partes.

A parte inferior, a mais longa, tem um rasgo vertical, onde encaixa e corre o braço da candeia. A secção média, mais curta, apresenta um orifício para fixação do tornel (*destorcedor*). A secção superior tem um recorte ovalado.

O tornel é constituído por um pedaço de verga de ferro, com cabeça levemente convexa, que prende na secção média do suporte, enquanto a outra extremidade, dobrada em argola, engata na haste de suspensão. Esta é em verga de ferro, dobrada superiormente, formando um gancho lateral em «S»

⁶ A altura inferior à dimensão do raio.

⁷ Comprimento superior ao raio.

com a ponta aguçada. A extremidade inferior, em argola, prende no tornel.

Como acessório, esta candeia tinha um espevitador de que resta apenas um pequeno fragmento suspenso de uma cadeiazinha presa ao tornel. A cadeia é formada por duas finas hastes encadeadas por argolas nas extremidades.

Dimensões:

altura total, 305 mm

depósito: comp., 105 mm; larg., 60 mm; alt. sem tampa, 25 mm; alt. com tampa, 50 mm.

Comentário

É raro encontrar uma candeia completa deste tipo. O sistema de suspensão solta-se facilmente do braço, apesar das pontas deste serem rebitadas, e raramente sobreviveu quando as velhas lâmpadas foram abandonadas.

Relativamente à candeia de Manuel *Marujo*, pensamos que a haste de suspensão não é original e teria substituído a primitiva, de secção quadrangular e gancho lateral forjado. A lâmpada encontra-se em mau estado de conservação, corroída pelo uso prolongado a que foi sujeita e pela inexorável acção da ferrugem.

2) *Candeia de Santa Cruz das Ribeiras*

Em 1981⁸ pudemos observar em Santa Cruz das Ribeiras, lugar de pescadores e baleeiros, uma candeia semelhante à da Ribeira Grande, pertencente a José Homem da Silva (*Boi Negro*), hoje falecido. Já não tinha o aparelho de suspensão, a tampa e o espevitador originais, mas o engenhoso proprietário tinha-os

⁸ Caderno de campo n.º 1, 2-I-81.

substituído de forma habilidosa por um aparelho de arame e uma tampa de lata. A parte superior do gonzo que segurava a tampa já tinha desaparecido. O popular *José Homem* conservava com estima esta peça, recordação de um passado que contrastava com o desencantado mundo que o rodeava.

Trata-se de uma lâmpada saída de mão de mestre. Muito equilibrada, uniforme e bem acabada, foi a candeia deste tipo com maior qualidade que pudemos analisar e difere da lâmpada da Ribeira Grande sobretudo no braço-cremalheira. Este, muito delgado, tem a raiz horizontal em arco quebrado, muito curta e com sete dentes distribuídos pela aresta inferior, o que permitia um melhor aproveitamento do combustível. Está em bom estado de conservação e foi pintada de negro pelo proprietário (Fig. 3).

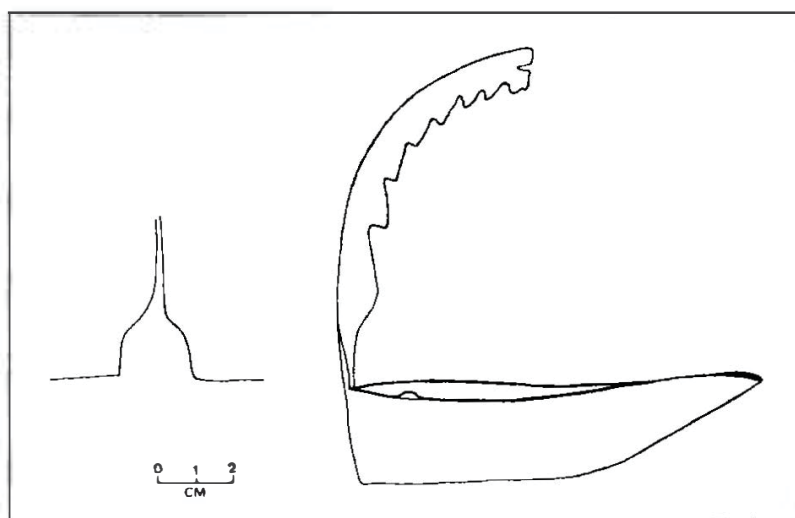


Fig. 3 — Candeia de Santa Cruz das Ribeiras (Pico).

Dimensões:

altura total: 114 mm

depósito: comp., 107 mm; larg., 65 mm; alt., 20 mm.

3) *Candeia do Farrobo (Bandeiras)*

O Sr. Tomás Garcia Duarte Júnior reuniu na sua casa da Madalena do Pico um interessante núcleo de peças etnográficas de que faz parte uma excelente candeia de ferro, recolhida no lugar de Farrobo (Bandeiras — Madalena) ⁹ (Fig. 4, Foto 2).

Estamos perante uma candeia de ferro com um só depósito fechado, cuja tampa se perdeu. O recipiente tem plano oval, ligeiramente inclinado para cima, bordos direitos, esvasados, fundo plano, bico estreitado e longo e conserva um pequeno gonzo cravado mais ou menos a meio do bordo direito. Ao contrário do que acontece nas outras candeias, a extremidade inferior do gonzo não toca o fundo do depósito. Braço-cremalheira inclinado para a frente, com quatro dentes na aresta inferior, perto da extremidade fendida e rebitada. Tem raiz horizontal, grosseiramente triangular na face externa, com um ressalto também triangular na face interna.

O sistema de suspensão está completo: Suporte de secção inferior com rasgo rectangular e vertical, secção média furada a meio para fixação de um tornel de cabeça plana, e secção superior constituída por uma parte rectangular que se alarga num reflector elipsoidal. Haste de suspensão de secção quadrangular, com ponta e gancho lateral forjado em «S».

⁹ Caderno de campo n.º 14, 24-VIII-83. Agradeço à Sr.ª Maria da Conceição Mesquita Duarte o gentil acolhimento na sua casa da Madalena e as facilidades que me concedeu para a realização do trabalho.

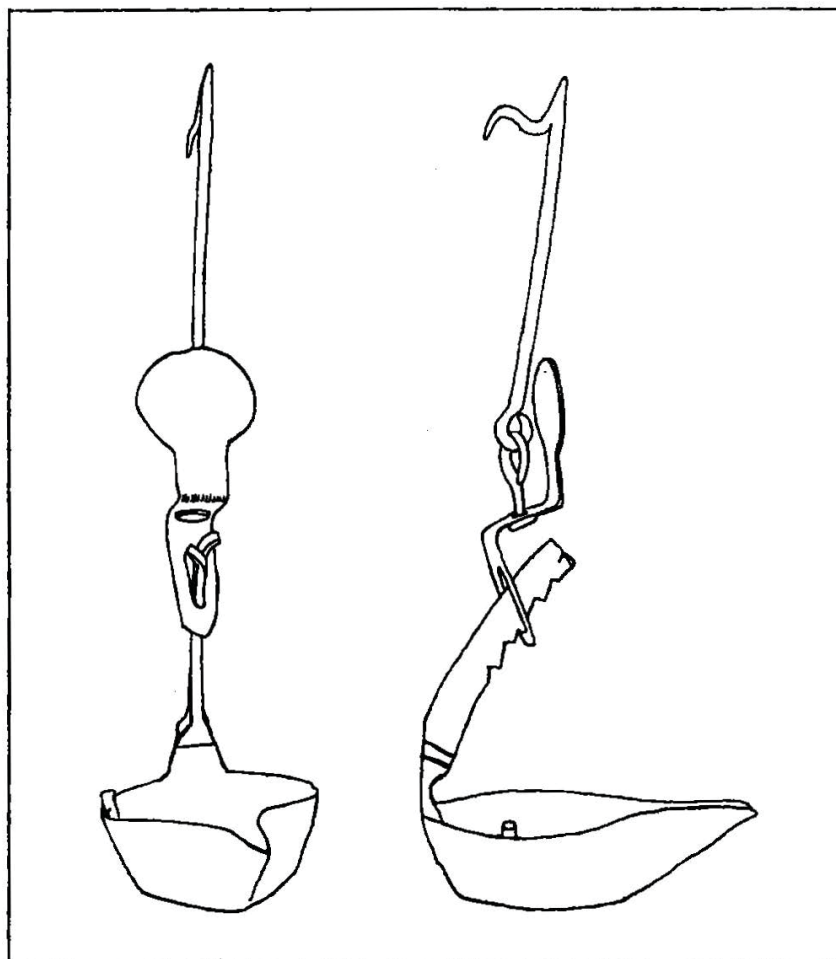


Fig. 4 — Candeia do Farrobo — Bandeiras (Pico).

Dimensões:

altura total, 290 mm

depósito: comp., 115 mm; larg., 74 mm; alt., 29 mm.

B - ILHA DO FAIAL

Graças à gentileza e amável autorização do P.^e Júlio da Rosa, director do Museu da Horta e incansável investigador das coisas açorianas, e à prestimosa colaboração do Sr. António Sarmiento, funcionário da meritória instituição, pudemos estudar em 1981¹⁰ duas lâmpadas do maior interesse. Todavia, e infelizmente, o Museu não possui quaisquer elementos sobre o local de uso e data de recolha das peças.

4) *Candeia do Museu da Horta*

Candeia de ferro com um só depósito aberto (sem tampa). O recipiente tem um bico longo e levantado. Morfologicamente, esta lâmpada difere das candeias do Pico, sobretudo nalguns aspectos do braço-cremalheira que é ligeiramente curvado para a frente, tem raiz horizontal, grosseiramente triangular, muito curta, e três dentes na aresta inferior, perto da extremidade fendida em dois rebites. Já não conserva o sistema de suspensão original, substituído por um pequeno braço. A peça encontra-se em mau estado de conservação (Fig. 5, Foto 1).

¹⁰ Cadernos de campo n.º 5, 3-XI-81 e n.º 14, 23-VIII-83.

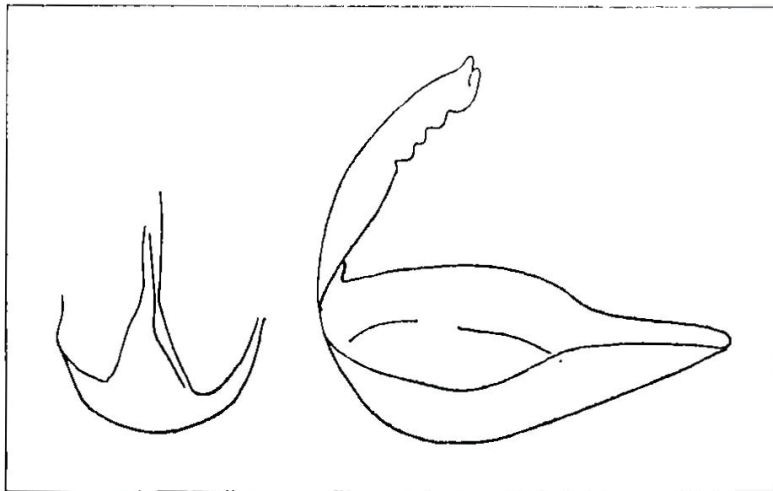


Fig. 5 — Candeia do Museu da Horta. Esboço reconstituindo o exemplar em mau estado.

Dimensões:

altura total: 123 mm

depósito: comp., 122 mm; larg., 70 mm; alt. máx., 30 mm.

5) *Candeia do Museu da Horta*

É uma lâmpada do mesmo tipo da anterior, pois tem o depósito aberto, mas o plano superior do recipiente é inclinado para a frente e o bico estreitado é curto. Braço-cremalheira inclinado para a frente, curta raiz horizontal, em arco angular, com cinco dentes ao longo da aresta inferior e fendido na extremidade. O sistema de suspensão está completo. A secção superior do suporte, a de maior dimensão, tem um recorte ovóide, constituindo um espelho ainda que elementar. O tornel foi feito com um prego de cabeça plana, dobrado ao meio. Pensamos que não é original. A haste de suspensão com secção quadrangular, tem na base, junto à argola que engata no tornel, um pequeno orifício forjado que deveria servir para prender um espevitador (Figs. 6 e 7).

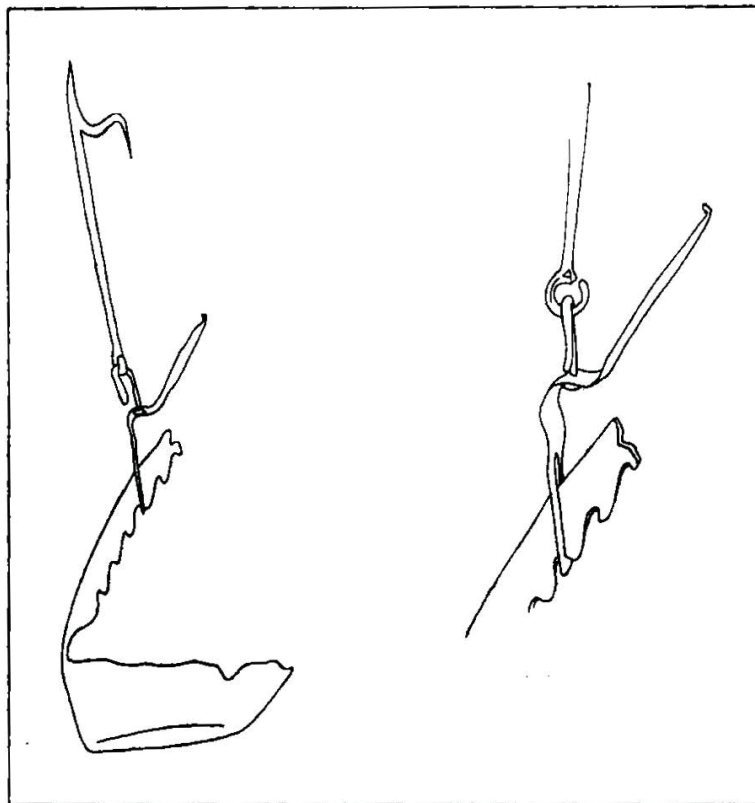


Fig. 6 — Candeia do Museu da Horta.

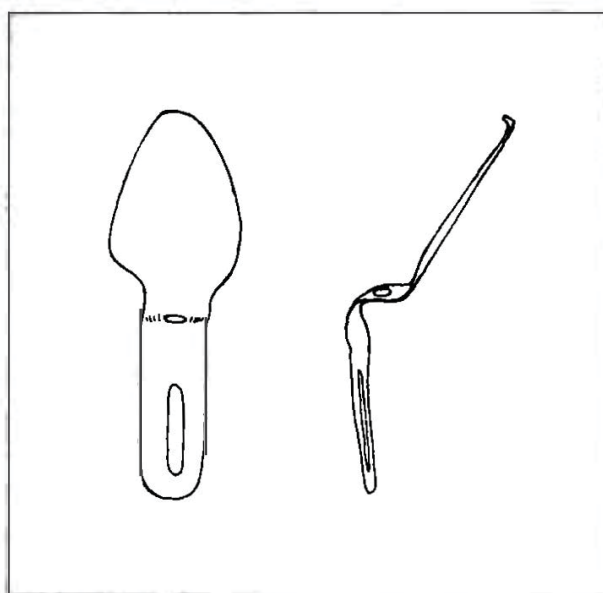


Fig. 7 — Espelho da candeia do Museu da Horta.

Dimensões:

altura total: 300 mm

depósito: comp., 95 mm; larg., 70 mm; alt. máx., 32 mm

espelho: comp., 45 mm; larg. 30 mm.

C - *ILHA DE SÃO JORGE*

Durante os trabalhos que realizámos recentemente na região da Calheta, o Sr. João Pedroso Almada indicou-nos a existência de candeias no Norte Grande e teve a gentileza de nos acompanhar ao local. Devemos ao dedicado Calhetense a observação de duas lâmpadas do maior interesse. Ambas pertencem ao mesmo proprietário e tinham sido usadas pelo avô.

6) *Candeia do Norte Grande*

Candeia de ferro com um só depósito aberto. Recipiente de plano ovóide; bordos baixos, convexos, esvasados; fundo plano, bico estreitado e longo. O braço-cremalheira, cravado na face interna da parte posterior, tem três dentes perto da extremidade fendida em dois rebites. O sistema de suspensão está completo. O suporte tem a secção inferior muito alta com pequeno rasgo rectangular aberto na base. A parte superior foi recortada em arco quebrado. Tornel de cabeça plana; haste de suspensão com secção circular, ponta e gancho lateral forjado em «S» pouco pronunciado(Fig. 8, Foto 3).

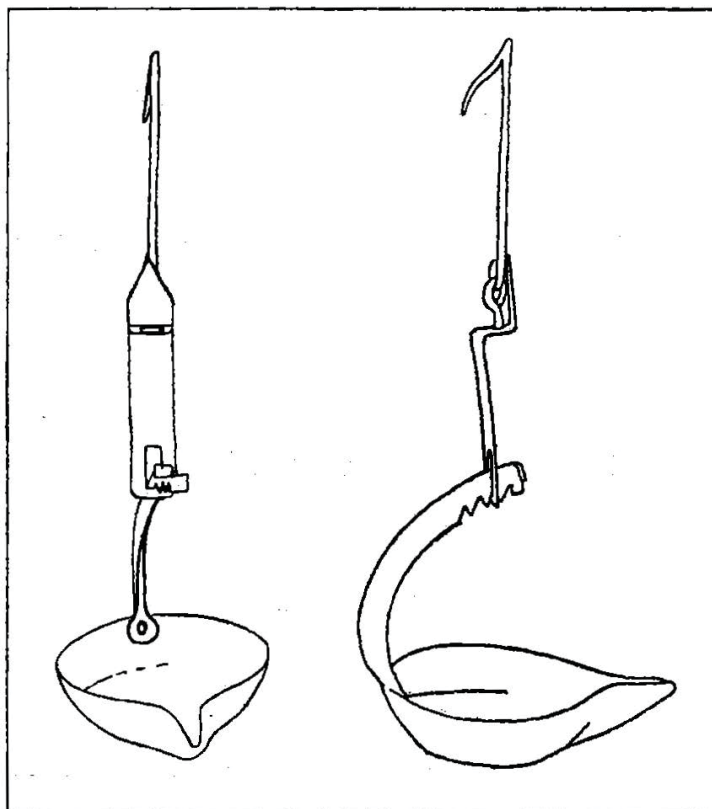


Fig. 8 — Candeia do Norte Grande.

Dimensões:

altura total, 295 mm; comp. total, 132 mm
depósito: comp., 124 mm; larg., 93 mm; alt., 30 mm.

7) *Candeia do Norte Grande (Fajã do Ouvidor)*

Do mesmo tipo da anterior, é porém um pouco mais pequena. O bico é ligeiramente levantado e tem a extremidade romba. O suporte do sistema de suspensão é um pouco diferente. A secção inferior é mais curta e a parte superior é triangular (Fig. 9, Foto 4).

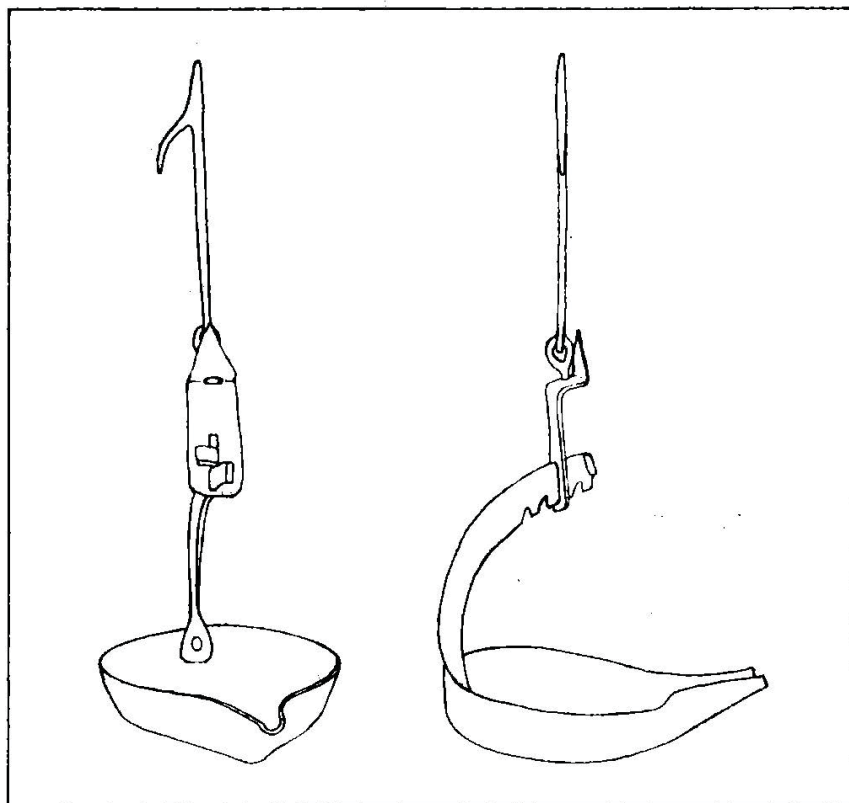


Fig. 9 — Candeia do Norte Grande (Fajã do Ouvidor)

Dimensões:

altura total, 250 mm; comp. total, 132 mm

depósito: comp., 127 mm; larg., 91 mm; alt., 22 mm.

D - ILHA TERCEIRA

À amabilidade do Dr. Baptista de Lima, director do Museu de Angra do Heroísmo, e ao empenhamento do etnólogo Dr. Maduro Dias, funcionário do rico e prestigioso Museu terceirense, devemos preciosas informações sobre a colecção de candeias aí existentes, o que nos permitiu localizar mais uma lâmpada do tipo em análise.

8) *Candeia do Museu de Angra do Heroísmo*

Candeia de ferro com um só depósito aberto; fundo plano, bico estreitado e longo com os bordos convexos, ligeiramente inflectidos para o interior. Braço-cremalheira inclinado para a frente, raiz horizontal curta, grosseiramente triangular, aresta superior angulosa e três dentes na aresta inferior.

Trata-se de uma peça bastante rude, de recorte irregular e forjamento imperfeito (Foto 5).

Dimensões:

altura total, 89 mm

depósito: comp., 106 mm; larg. máx., 76 mm; alt., 23 mm.

3.1.1. *UMA CANDEIA DO CONTINENTE ORNAMENTADA COM A CRUZ DE CRISTO*

O Dr. Pinto Ferreira, no capítulo dedicado aos metais que organizou para a conhecida obra *A Arte Popular em Portugal* (1968)¹¹, publicou a fotografia de uma belíssima candeia pertencente a uma colecção do Porto¹². Trata-se da única lâmpada deste tipo que conseguimos detectar no continente e, porque não pudemos observa a peça, a análise morfológica foi efectuada com base na fotografia publicada.

¹¹ J. A. Pinto Ferreira, «Os metais», in *A Arte Popular em Portugal*, vol. 1, Lisboa, s.d., pp. 175-205.

¹² Apesar das tentativas feitas não conseguimos localizar a peça.

9) *Candeia do Porto*

Candeia de ferro com um só depósito aberto. Recipiente de plano ovóide; bordos baixos, esvasados; fundo côncavo; bico estreitado e curto. Braço-cremalheira com pequena raiz triangular, acentuadamente curvo para a frente e com dentado fino na parte média. O sistema de suspensão está completo, tendo o suporte na parte inferior um rasgo rectangular, onde encaixa o braço da candeia. A secção superior é constituída por um reflector em forma de Cruz de Cristo, de braços iguais¹³, recortada e aberta. A haste de suspensão, finamente torsa, tem a extremidade ponteaguda e o gancho lateral forjado em «S» (Foto 6).

3.1.2. *NO BRASIL DOS BANDEIRANTES*

Na década de 30, Belmonte (Benedito Bastos Barreto) publicou na interessantíssima obra *No tempo dos bandeirantes*, um desenho de sua autoria que ilustra uma lâmpada usada pelos habitantes paulistas do século XVII¹⁴.

¹³ A partir do mestrado de Filipe I a Cruz de Cristo passou a ter o pé mais comprido.

¹⁴ Belmonte, *No tempo dos bandeirantes*, São Paulo, s.d., pp. 42, 27.

10) *Um candeeiro de pendurar*

Trata-se de uma candeia de ferro (?) com um só depósito aberto de plano ovóide, bordos divergentes com bico estreitado, curto e pequeno braço-cremalheira acentuadamente curvo para a frente. No sistema de suspensão, apenas visível de frente, salienta-se o suporte em argola estreita, o espelho quadrangular e o gancho de haste torsa (Fig. 10).

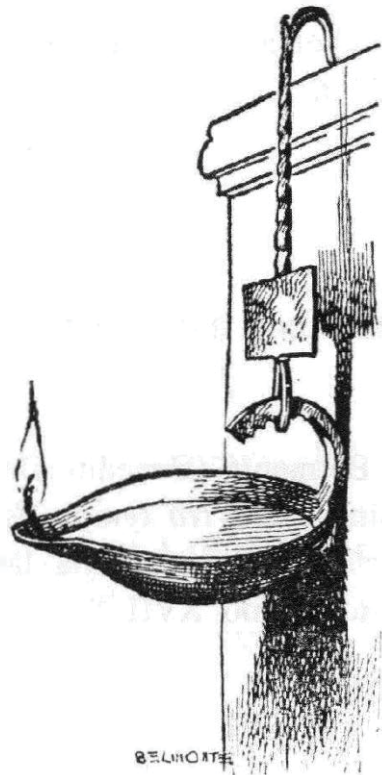


Fig. 10 — Candeeiro de pendurar (Brasil).

3.1.3. O MESTO TIPO DE LÂMPADA FEITO EM COBRE

Candeias com um só depósito e sistema de suspensão móvel, feitas em cobre, foram usadas nos Açores (Faial, São Jorge, Flores e Corvo), no Brasil e em França. O cobre é um metal que se adapta perfeitamente à função requerida e a manufatura de candeias não exigiria, em traços gerais, uma técnica diversa da utilizada na produção de lâmpadas em ferro. No entanto, o trabalho de cobre e suas ligas é normalmente praticado por artífices especializados: latoeiros e caldeireiros.

1) *Uma candeia de cobre na colecção do P.^e Júlio da Rosa (Faial)*

Esta valiosa lâmpada, recolhida no Faial, pertence ao P.^e Júlio da Rosa que teve a gentileza de nos comunicar a sua existência ¹⁵.

Candeia em cobre com depósito aberto; plano circular; bordos baixos e divergentes; fundo plano; bico estreitado, muito curto e acentuadamente inclinado para baixo. A ligação bico-bordos é angulosa. Braço-cremalheira curvado para a frente, com raiz horizontal triangular alongada e seis dentes na aresta inferior, perto da extremidade que apresenta um furo circular. Perdeu o aparelho de suspensão (Fig. 11, Foto 7).

¹⁵ Caderno de campo n.º 5, 3-XI-81.

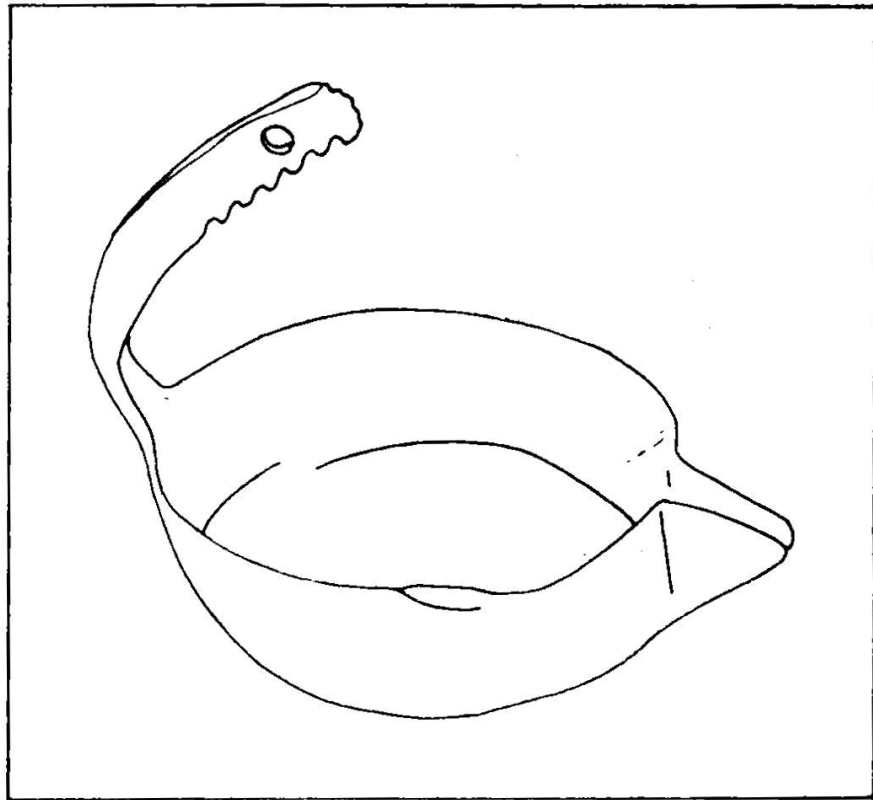


Fig. 11 — Candeia de cobre do Faial (Colecção do P.^o Júlio da Rosa).

Dimensões:

altura total: 85 mm

depósito: comp., 100 mm; larg., 75 mm; alt., 27 mm.

2) *Candeia de São Jorge*

Localizámos esta excelente lâmpada, proveniente da Fajã dos Bodes (Calheta), em 1982¹⁶.

Candeia de cobre com um só depósito aberto. Recipiente de plano oval, bordos baixos, divergentes e convexos; fundo côncavo e bico estreitado e longo. A ligação bordos-bico é curva.

¹⁶ Caderno de campo n.º 10, 22-VIII-82.

Braço-cremalheira curvo para a frente, sem raiz distinta, oito dentes finos na aresta inferior, extremidade fendida em duas pontas rebitadas.

Esta linda peça perdeu o aparelho de suspensão e está coberta por densa pátina escura devida ao uso prolongado (Fig. 12, Foto 8).

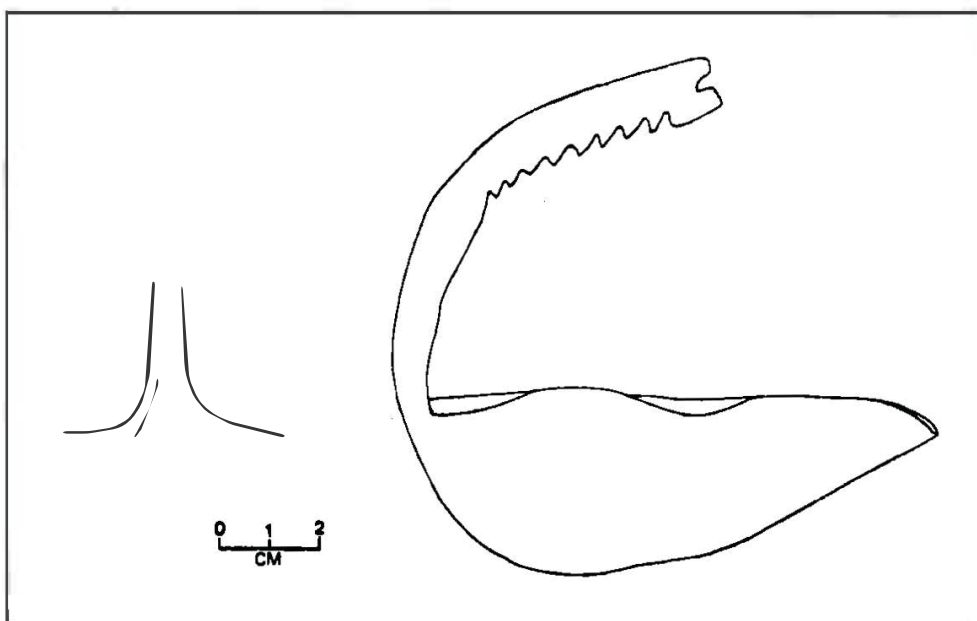


Fig. 12 — Candeia da Fajã dos Bodes (S. Jorge).

Dimensões:

altura total, 98 mm

depósito: comp., 114 mm; larg., 79 mm; alt., 32 mm.

Comentário

Conhecemos um exemplar semelhante proveniente da Fajã dos Vimes (Calheta), e outro mais pequeno dos Biscoitos (Calheta). Este tipo de lâmpadas de cobre deve ter sido produzido em São Jorge numa oficina que seria interessante localizar.

3) *Candeia das Flores*

Esta lâmpada, proveniente de Santa Cruz das Flores, é propriedade da Sr.^a Cecília dos Santos Páscoa, de Angra do Heroísmo, e a sua existência foi-nos noticiada pelo Sr. Francisco Ernesto de Oliveira Martins.

Candeia de cobre com depósito aberto; plano ovóide, bordos altos, convergentes, de contorno superior convexo, fundo plano, bico estreitado e longo, com uma pequena haste atravessada, perto da extremidade, para fixação da torcida. Braço de raiz triangular muito irregular, inclinado para a frente com três dentes perto da extremidade fendida e que conserva apenas um rebite (Fotos 9 e 10).

Dimensões:

altura total, 117 mm

depósito: comp., 123 mm; larg., 62 mm; alt., 32 mm.

4) *Candeia do Corvo*

Pertence igualmente à Sr.^a Cecília Páscoa.

Candeia de cobre com depósito aberto, plano circular, bordos baixos, direitos, esvasados; fundo plano e bico estreitado, longo e levantado. Braço ligeiramente curvo para a frente, raiz baixa, em arco quebrado, cinco dentes ao longo da aresta inferior, extremidade fendida e rebitada (Fig. 13, Foto 11).

Lâmpada muito equilibrada com sinais de intensa utilização.

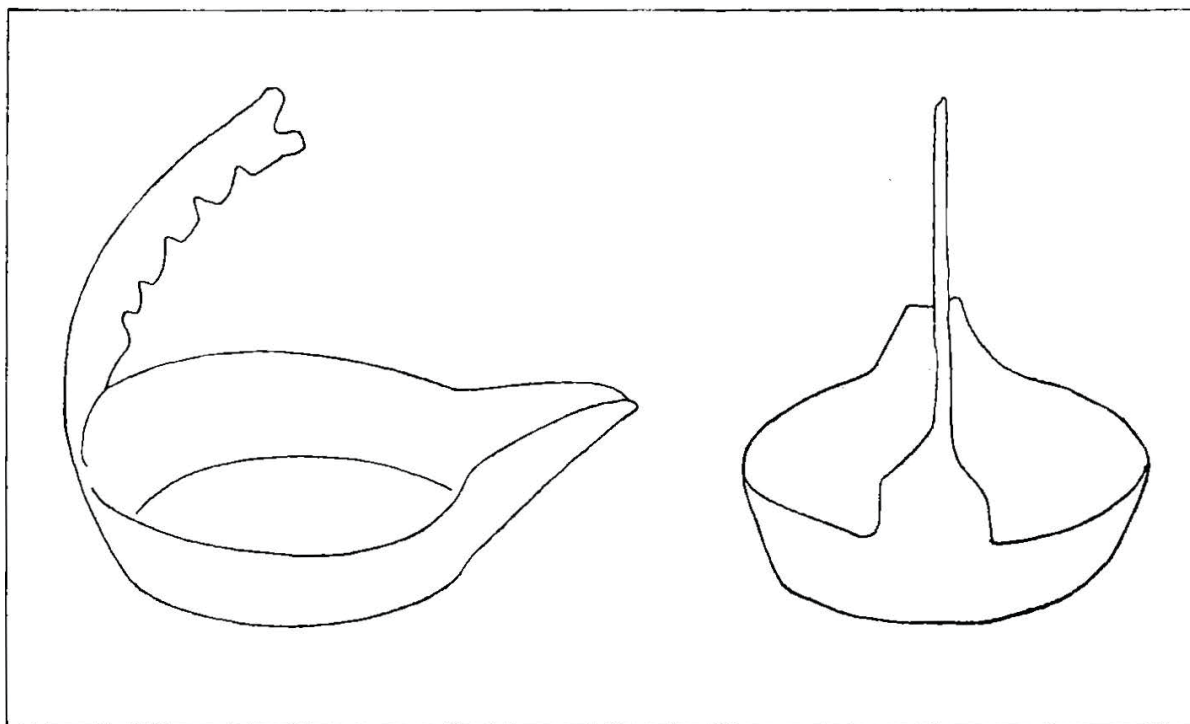


Fig. 13 — Candeia do Corvo.

Dimensões:

altura total: 90 mm

depósito: comp., 104 mm; larg., 75 mm; alt., 22 mh.

5) *Brasil: as candeias no mundo luso-tropical do século passado*

Thomas Ewbank, no primoroso relato da viagem que efectuou ao Brasil em 1846, deixou-nos uma valiosa descrição e até o desenho de uma candeia de cobre, com indicações muito vivas sobre o local de fabrico.

O escritor e desenhista americano deve ter sido o primeiro a divulgar em texto e imagem o tipo de candeias sobre o qual

nos temos vindo a debruçar. Vale a pena, portanto, acompanhar Thomas Ewbank ao Rio dos meados do século passado.

«Num estabelecimento de caldeireiro encontrei quinze homens trabalhando, sendo todos escravos, inclusive o capataz. O proprietário era um português.

Posteriormente, passei parte de outro dia entre os caldeireiros e posso, portanto, inserir aqui os principais detalhes que anotei. Todo o cobre é importado da Inglaterra. Entre os artigos fabricados, os alambiques parecem ser os mais importantes. Em uma única loja contei quinze deles. Toda plantaço de açúcar precisa de um ou mais deles. As bacias de sessenta a noventa centímetros de tamanho constituem outro artigo de grande procura. Rasas e estanhadas, assemelham-lhe às que eu vi usadas por algumas lavadeiras. Em toda a oficina vêem-se também pilhas de caçarolas ...

Entre os utensílios menores, poucos me interessaram mais que uma lamparina simples e pequena, de uso universal entre as classes mais baixas e que é vendida no interior em quantidades imensas. Adaptada para queimar qualquer espécie de material oleaginoso, é tão conveniente às cabanas do Brasil, como foi às da antiga Roma, de onde, creio, se derivou. É constituída por uma taça aberta, com um bico saliente, sobre o qual se insere o pavio e como lamparina fixa ou de mesa não apresenta coisa alguma digna de menção. Seu mérito vem de suas qualidades de lamparina pendente. Uma haste curva (ou reta e inclinada) com dentes na parte inferior, ergue-se do fundo da taça, ou seja, do lado oposto ao pavio, e passa por um buraco perpendicular aberto numa pequena chapa que é presa a uma vara de ferro pontuda. A extremidade pontuda da vara de ferro é presa a uma viga, prancha, etc., em posição vertical ou horizontal ou qualquer outra. Quando diminui o óleo, este é dirigido para o pavio, passando-se a haste de metal, dente por dente, através da chapa até ser consumida a última gota de óleo combustível. A farpa ou gancho agudo na extremidade superior da vara de ferro é para prender o instrumento a uma prateleira ou mesa, passá-la sobre um prego, etc. Com excepção da vara de ferro, todo o resto é feito de fina folha de cobre. Ao invés de trabalhadas como se vê na figura, algumas são feitas pelo simples processo de apertar os cantos de um pedaço de metal. Nada poderia ser mais simples, barato ou durável. Seu custo é apenas de cinco ou seis cents.

*Os processos de trabalhar o cobre são muito semelhantes aos nossos ... Numa oficina havia vinte negros trabalhando e não se via um único rosto branco, com exceção dos caixeiros. Observei ali três ou quatro marimbas penduradas à parede. Com esses instrumentos da sua própria terra, os artistas divertiam-se depois das horas de trabalho ...*¹⁷.

Com base na ilustração do atento lápis de Ewbank é possível definir algumas características morfológicas da lâmpada brasileira (Fig. 14).

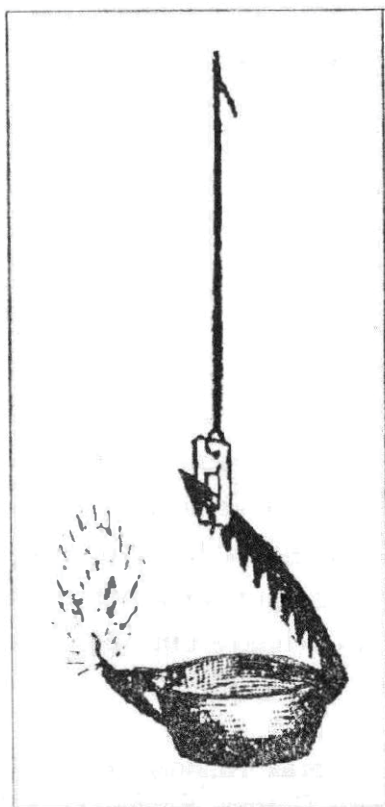


Fig. 14 — Candeia em cobre do Rio de Janeiro (séc. XIX)

Trata-se de uma candeia de cobre com recipiente aberto, bordos direitos e divergentes, fundo plano, bico estreitado e curto (?). A ligação bico-bordos é angulosa. Braço-cremalheira inclinado para a frente com nove dentes ocupando toda a aresta inferior. Parece ser uma peça distinta fixada exteriormente à parte posterior do recipiente. Aparelho de suspensão formado unicamente por duas peças: um suporte rectangular com um rasgo vertical, onde encaixa o braço, e um orifício onde se prende a argola da haste de suspensão em ferro, com ponta e gancho lateral forjado.

Gostaria de sublinhar vários aspectos relativamente a esta lâmpada do Brasil. Por um lado a persistência do gancho em ferro forjado num utensílio de cobre. Fenómeno idêntico passou-se com as candeias portuguesas em folha-de-flandres que começaram por ter um gancho de ferro, herança das

¹⁷ Thomas Ewbank, *Vida no Brasil*, São Paulo, 1976, pp. 151. 152.

lâmpadas que foram substituindo. Só mais tarde a haste de suspensão passou a ser de arame dobrado¹⁸.

O sistema de suspensão da candeia brasileira apresenta um suporte simplificado que impede a fixação de um tornel e o desenvolvimento de um reflector. Ewbank fornece também indicações que nos permitem afirmar que, no século XIX, este tipo de lâmpada de origem portuguesa teve uma grande produção e foi largamente utilizada pela fascinante sociedade luso-tropical do Brasil.

6) *Uma candeia francesa num Museu americano*

Em 1928, Walter Hough divulgou, no excelente catálogo de utensílios de aquecimento e iluminação do *United States National Museum*, uma candeia «... of copper and iron, of antique French Work, and the ratchet for tilting the lamp is found nowhere else» [Cat. No. 130590, France; John Durand: 3,5 inches (9 cm) diametes]¹⁹. Podemos deduzir que Walter Hough desconhecia a obra do seu compatriota Ewbank publicada nos meados do século anterior, mas as suas palavras indiciam a raridade deste tipo de lâmpada na luminária francesa²⁰.

O autor não diferencia as partes da candeia feitas em cobre das que são de ferro. No entanto, pensamos que de ferro deve ser o sistema de suspensão ou então apenas a haste com gancho.

¹⁸ Este facto, que temos observado em inúmeras candeias de folha branca, já tinha sido apontado por Eduíno Borges Garcia. Eduíno Borges Garcia, «A iluminação dos portugueses mais humildes, candeias de folha de Flandres», in *O Comércio do Porto*, 24 de Abril de 1975, p. 16.

¹⁹ Walter Hough, *Collection of heating and lighting utensils in the United States National Museum*, Washington, 1928, p. 58, Estampa 55, figura 10.

²⁰ Continuamos à espera da anunciada obra de Suzanne Tardieu sobre as lâmpadas francesas. Pelo menos desde 1972 *sous presse*, este trabalho (*catalogue scientifique du luminaire*) trará sem dúvida contributos muito valiosos para a temática em questão.

A candeia tem bordos direitos e divergentes, bico curto levemente inclinado e braço-cremalheira ligeiramente côncavo no início, inflectindo depois em curva para a frente. Tem sete (?) dentes na aresta inferior. Sistema de suspensão completo. O suporte, dobrado alternadamente em três partes, tem a secção superior alargada num reflector de recorte trapezoidal aberto. A haste de suspensão, com gancho lateral forjado, prende num tornel.

3.1.4. COMENTÁRIOS E CONCLUSÕES

O conjunto de elementos que conseguimos recolher permitenos sistematizar alguns problemas, ficando para mais tarde a elaboração de conclusões neste momento ainda prematuras.

Começámos por estudar as candeias com um só depósito e sistema de suspensão móvel. Neste grupo encontrámos dois tipos: um mais elementar com o depósito aberto e outro mais aperfeiçoado com o depósito fechado por uma tampa articulada. As lâmpadas com depósito aberto, feitas em ferro ou em cobre, são, sem dúvida, as mais vulgarizadas (Faial, S. Jorge, Terceira, Flores e Corvo). As que têm o depósito fechado circunscrevem-se à ilha do Pico.

Na maior parte das candeias do grupo referido, o recipiente e o braço formam uma só peça. Apenas em dois exemplares de S. Jorge (Norte Grande) o braço é feito à parte e cravado na face posterior interna do recipiente. Estes dois tipos de braço estão ligados a diferentes operações técnicas de manufactura. No primeiro caso, os recipientes e o braço são recortados e forjados em conjunto, de tal forma que o braço, inicialmente horizontal e prolongando o plano dos bordos, é torcido a quente, ganhando a posição vertical para depois ser recurvado ou inclinado e denteado. Esta é a técnica mais vulgar e possivelmente a tradicional. No caso das candeias de S. Jorge, o braço foi forjado à parte e depois cravado. Esta operação

constitui, sem dúvida, uma inovação ou um desvio em face da técnica que pensamos ser a mais antiga.

O braço liga-se ao recipiente por uma parte mais alargada (raiz), a que os ferreiros deram formas diferentes. É um elemento morfológico que pode indiciar diferentes oficinas e informar sobre a habilidade manual do mestre forjador.

A manufatura de candeias em cobre pode dever-se ao aproveitamento de *material arrojado* pelo mar ou proveniente de barcos naufragados que chegaram a fornecer muito metal aos ferreiros açorianos. No que diz respeito às lâmpadas de cobre, devemos notar o fundo côncavo das de S. Jorge, as únicas que até agora encontramos com esta forma. Sendo ainda de realçar o aperfeiçoamento do bico na candeia das Flores.

Uma característica destas candeias açorianas, com sistema de suspensão móvel, é o pouco relevo que assumem os reflectores. Conhecemos apenas os espelhos muito simples de uma candeia do Pico (Bandeiras) e de outra do Faial (Museu da Horta). Nas outras a secção superior do suporte é arredondada ou angulada. Neste aspecto a candeia do Porto é um exemplar particularmente elaborado.

No domínio dos acessórios, notamos a presença do espevitador na lâmpada da Ribeira Grande e uma das candeias do Museu da Horta conserva, na extremidade inferior da haste de suspensão, um orifício habilmente forjado que deveria servir para prender a corrente do *espevite*.

É interessante verificar o grande número de candeias com sistema de suspensão móvel, utilizadas nas ilhas açorianas a que se reporta o novo inquérito (Pico, Faial, S. Jorge, Terceira, Flores e Corvo) e que não é de modo algum exaustivo. Este tipo de lâmpada parece ter sido raro na Europa, sobretudo se comparado com o que tem um sistema de suspensão fixo. No que diz respeito à Europa continental, conhecemos apenas um exemplar português (em ferro) do Porto e um outro de origem francesa (em cobre). É natural que essas lâmpadas não sejam casos isolados, e um melhor conhecimento das colecções etnográficas e da bibliografia especializada acabe por

revelar novos exemplares. Também não encontramos candeias do referido grupo na Escócia, ou nas ilhas Orkneys, Shetland e Hebrides, onde o uso de lâmpada, de ferro que consumiam azeite de peixe se manteve até aos princípios deste século. Temos, porém, elementos seguros para afirmar que as candeias com sistema de suspensão móvel, feitas em ferro ou em cobre, foram largamente usadas no Brasil, sendo produzidas em grande quantidade no século passado pelos caldeireiros do Rio de Janeiro. Devem ter sido introduzidas pela colonização portuguesa, mas sobre este caso cedemos a palavra aos colegas brasileiros que poderão trazer valiosas achegas.

(Continua)

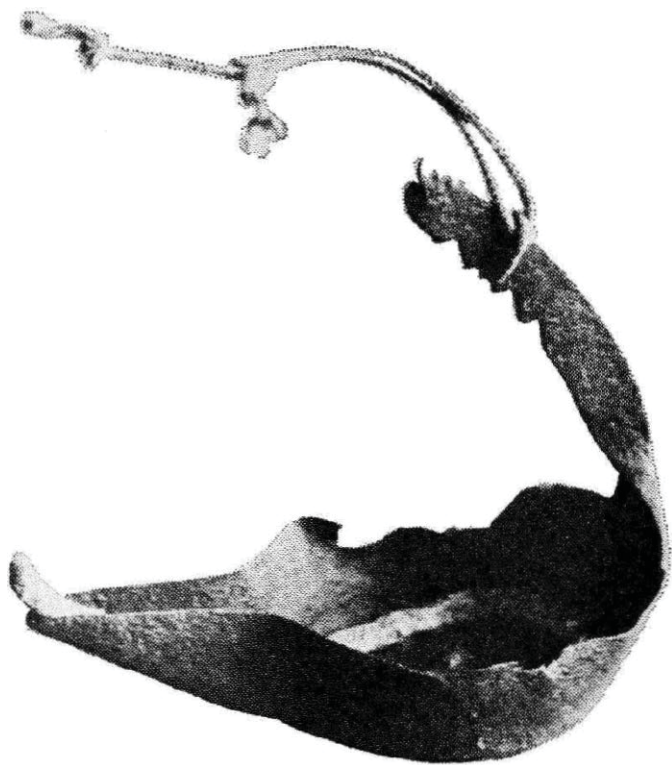


Foto 1 — Candeia do Museu da Horta (Faial).

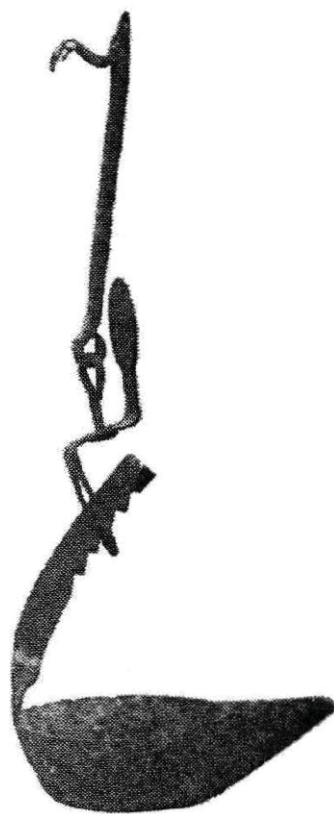


Foto 2 — Candeia das Bandeiras (Pico).

Fotos do Autor

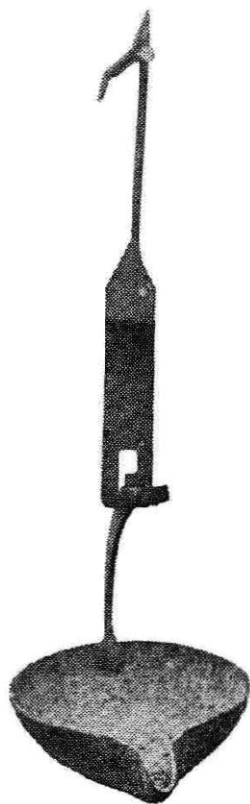


Foto 3 — Candeia do Norte Grande (S. Jorge).

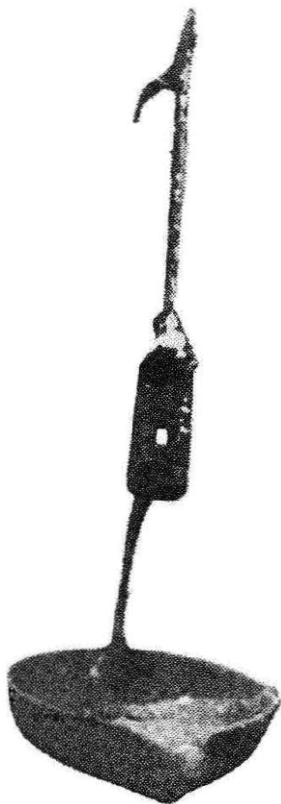


Foto 4 — Candeia do Norte Grande (Fajã do Ouvidor).

Fotos do Autor

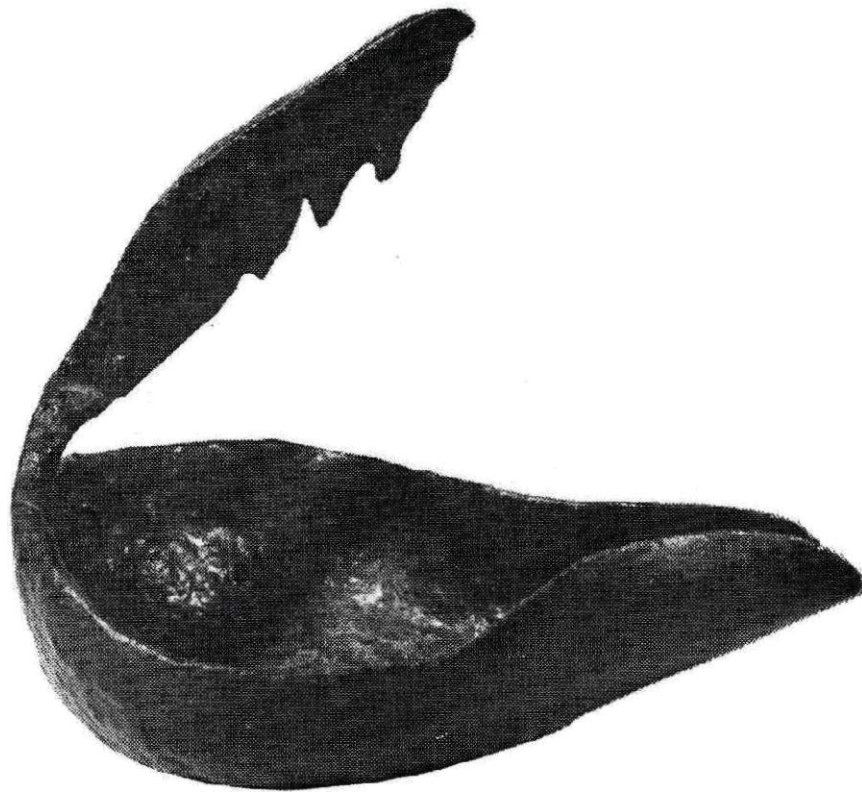


Foto 5 — Candeia do Museu de Angra do Heroísmo (Terceira).

Foto do Dr. Maduro Dias



Foto 6 — Candeia do Porto.

Foto Verbo



Foto 7 — Candeia em cobre do P.^e Júlio da Rosa (Faial).

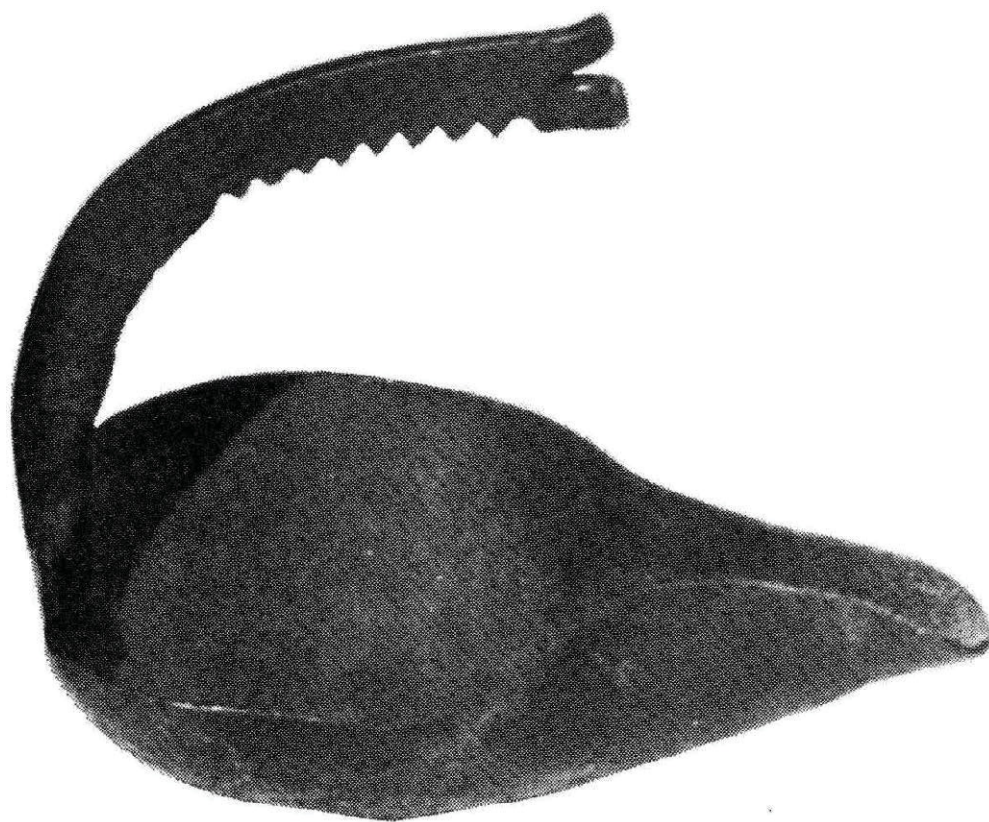


Foto 8 — Candeia em cobre da Fajã dos Bodes (S. Jorge).

Fotos do Autor

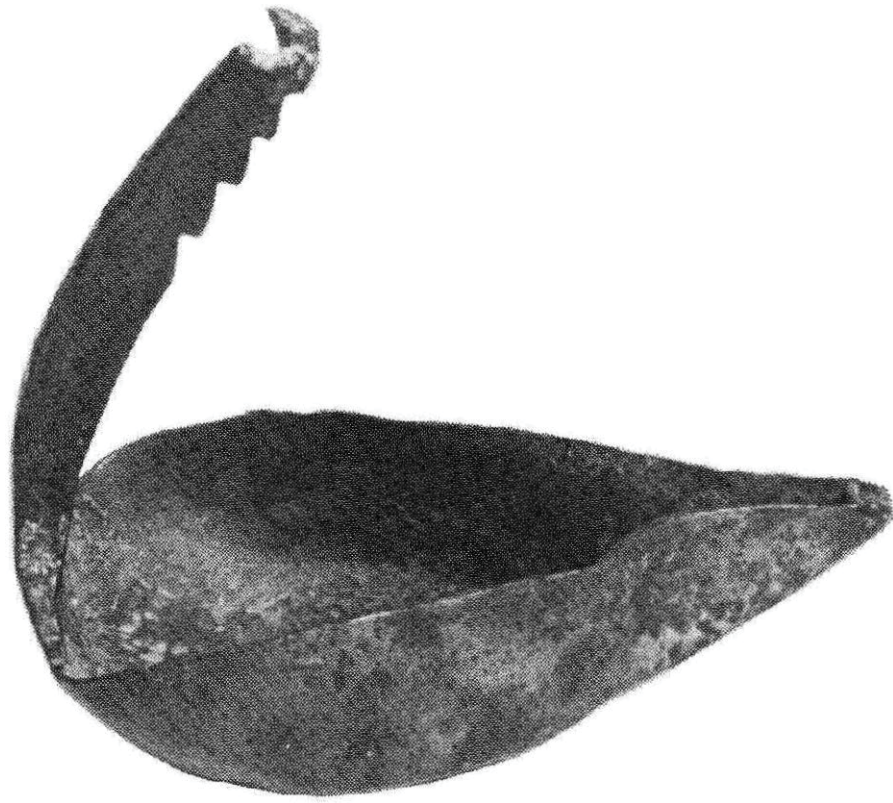


Foto 9 — Candeia em cobre das Flores.

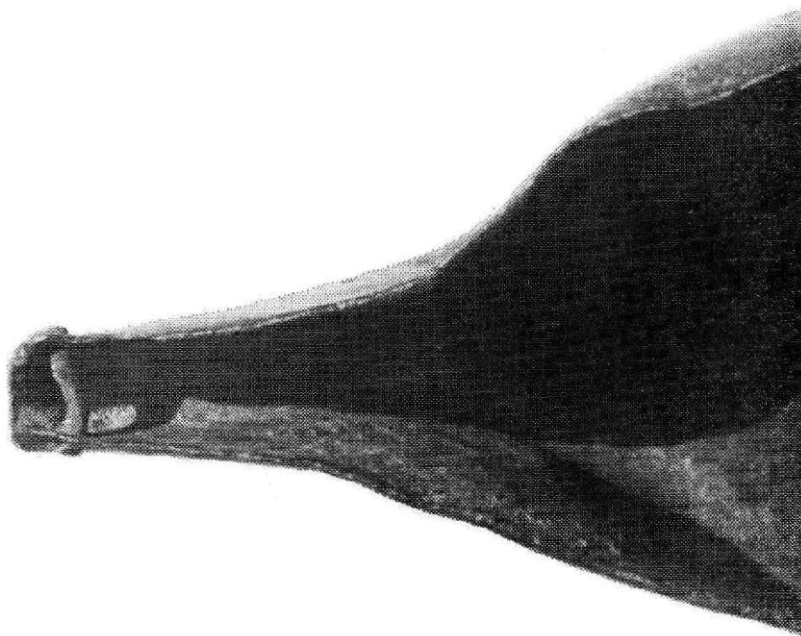


Foto 10 — Pormenor do bico da candeia.

Fotos do Autor

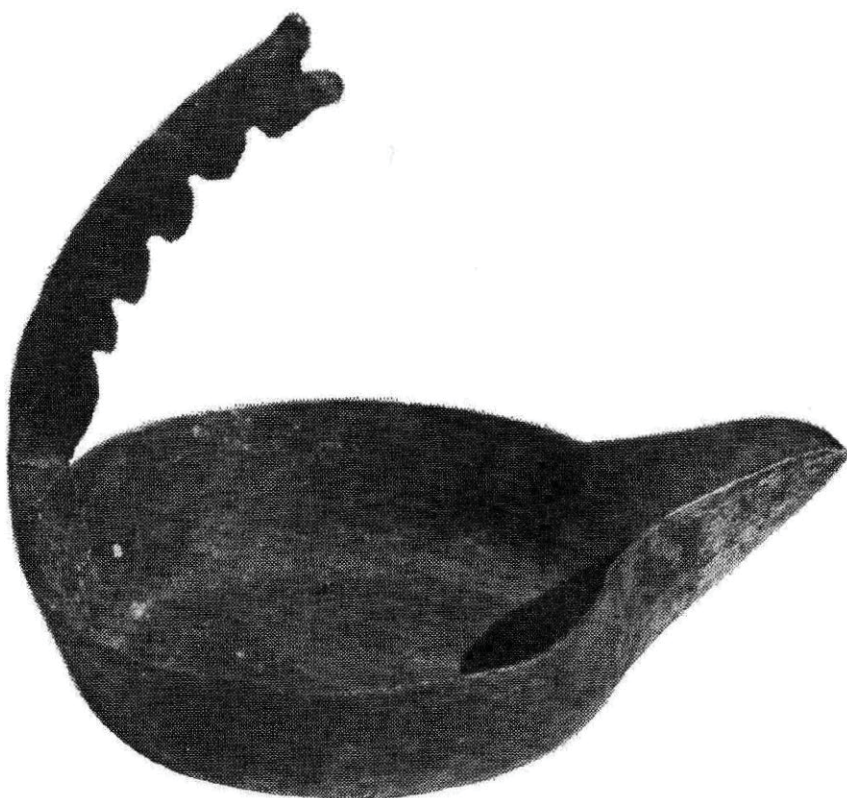


Foto 11 — Candeia em cobre do Corvo.

Foto do Autor

ARQUIPÉLAGO

REVISTA DA UNIVERSIDADE DOS AÇORES



SÉRIE CIÊNCIAS HUMANAS

N.º VI JANEIRO 1984